

JAZZ

16 JANEIRO 2015

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Alexandra Grimal e Giovanni di Domenico

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofone tenor e soprano Alexandra Grimal

Piano Giovanni di Domenico

Sex 16 de janeiro

21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Primeiras pessoas

Alexandra Grimal e Giovanni di Domenico têm um disco em conjunto (*Chergui*, lançado pela Ayler Records) que sintetiza mais de uma década de colaborações, umas públicas, num rol de concertos em grupos diversos, e outras privadas, em sessões durante as quais foram firmando uma especial cumplicidade. Natural seria que o duo se firmasse e ganhasse uma vida própria nas suas agendas pessoais, permitindo-lhes o desenvolvimento de ideias que não tinham lugar noutros projetos em que se pudessem encontrar. Um duo que entendem como um espaço de liberdade, alicerçado sobre o longo património das associações de um instrumento de sopro com um piano, mas disposto a cobrir terrenos que vão mais além. Na primeira pessoa, eis o que pensam ambos sobre este investimento...

A arte do duo

Alexandra Grimal: O duo de saxofone e piano é um formato íntimo e muito especial. Tem, claro, toda uma enorme história, mas para mim é apenas um pretexto para tocar com o Giovanni. Há 13 anos que tocamos juntos. Fizemo-lo em trio, quarteto e quinteto, nas mais variadas formações. O duo ocupou sempre um lugar especial, um lugar de liberdade. Costumávamos praticar *standards* aos domingos, mas também explorar e descobrir a nossa própria música. Talvez seja por isso que a nossa abordagem do duo seja gerida pelo prazer de termos aventuras musicais,

partilhando espaços sonoros, linhas, modos, estados de espírito e texturas, respirando em conjunto e alinhando as nossas energias um com o outro. Devo dizer que a música do Giovanni é parte da minha própria visão. Estudo-a já há muitos anos e cresci com ela. Sinto-a dentro de mim. Não sei explicar, mas mesmo que por estes dias não nos encontremos tanto quanto eu gostaria, de cada vez que tocamos juntos é como se estivesse em casa. Não temos qualquer conceito estabelecido, apenas queremos que a nossa música reflita o que somos.

Giovanni di Domenico: O mais importante que há, para mim, em criar música (qualquer tipo de música, sob qualquer fórmula que seja aplicada) não é que seja estilisticamente original, mas mostrar toda a minha paixão pelo trabalho que desenvolvo: neste caso específico (o duo com a Alexandra) sabia, mesmo antes de começar a escrever música para nós, que ia funcionar. Conheço-a muito bem e tinha confiança na alquimia musical que podia surgir entre nós. Assim, não receava que fosse uma incursão “perigosa” pelo facto de ter havido antes tantos duos como este. Simplesmente, senti que era a coisa certa para fazer com ela.

Composição vs. Improvisação

AG: Saltamos da partitura para a improvisação de forma muito natural. Tanto a composição como a improvisação fazem parte das nossas linguagens. As pautas dão-nos novas ferramentas, novas ideias. A improvisação concede-

-nos uma nova energia, novas maneiras de olhar para o objeto musical. Os *koans* (problemas) que o Giovanni escreve são como que pequenos e abstratos pontos de interrogação. São peças minimalistas que transportam consigo um desconhecido espaço aberto. De cada vez que tocamos, esses pequeninos temas tomam novas direções. Confiamos tanto um no outro que vamos sem receios para onde precisamos de ir, sabendo que o outro nos seguirá e cuidará de tudo o que acontecer.

GD: Para mim, composição e improvisação são basicamente a mesma coisa. Quando improviso tento sempre compor e quando componho procuro seguir um certo tipo de instinto. Para este duo tento compor da forma mais simples, sabendo que tocar estas peças com a Alexandra as tornará em qualquer outra coisa e que isso é bom. Eu e a Alexandra crescemos musicalmente juntos, passámos horas e horas, dias e dias tocando juntos. Este duo é a condensação perfeita de todo o tempo que gastámos a tocar pelo prazer de tocar.

Isto é jazz?

AG: É difícil dar um nome à música que tocamos. Estudámos jazz e música improvisada, bem como as músicas tradicionais de várias partes do mundo e música clássica, música contemporânea. Tudo isso nos influenciou. Talvez possamos chamar à nossa música “jazz contemporâneo”, mas não estou certa disso. E que tal chamarmos-lhe apenas “música”?

GD: Acho que este é um duo de jazz:

as pessoas podem ouvir todo o nosso amor pelo jazz, e embora eu me sinta desconfortável com o que o jazz é hoje (especialmente o facto de que se tornou num símbolo de *status* e num símbolo comercial), ainda sinto arrepios quando oiço o Jan Garbarek do início, o John Coltrane da última fase da sua vida e tudo o que Cecil Taylor fez. É este o meu ADN. Claro que ficaria mais feliz se o jazz ainda fosse uma música revolucionária, o que infelizmente não é. Para mim, pelo menos, jazz é revolução.

Muitos streams

AG: Lee Konitz, Gary Peacock e Paul Motian eram revolucionários quando surgiram. Cada um a seu modo, criaram novos caminhos onde nada existia. Eram autênticos génios. Fico, pois, chocada quando dizem que eles são do *mainstream*. Assim como não me parece que a Orchestre National de Jazz seja *mainstream*: a sua condução por Olivier Benoit tem uma abordagem da música que sintetiza jazz, rock, música contemporânea, minimalismo e muitos outros géneros. Quando toco com Oliver Lake, Joëlle Léandre, Marc Ducret, Jozef Dumoulin, Nelson Veras ou Sophie Agnel não me preocupo em saber a que “capela” pertencem. Não me interessa o estilo que toco, o que me interessa é tocar com gente que mexa comigo. Já fui considerada “experimental” por gente do jazz e instrumentista de jazz pelos experimentalistas. Pouco me importa: detesto categorias. Estudei a tradição e sempre improvisei. Fi-lo ao mesmo tempo, toda a minha vida. Sou

daquele tipo de artistas que não tem casa. Ou melhor: sou um dos artistas que estão a construir uma casa feita com partes de outras casas.

GD: O cruzamento de géneros musicais e a mistura de influências não são um problema para mim. É, aliás, a melhor coisa que o nosso tempo pode oferecer-nos. Disse John Cage: «Vivemos numa época em que não há uma corrente dominante, *mainstream*, mas muitas correntes.» O importante é fundirmos essas influências de uma forma pessoal e tratarmos bem a música, dando-lhe tudo o que temos e amando-a. Na verdade, só há uma música e eu tento mostrar aquilo que mais me atrai nela, sem medo de quaisquer julgamentos estilísticos que alguém possa fazer.

Marcar a diferença

AG: Tenho viajado muito e vivi fora do meu país bastantes anos. Foi difícil para mim quando voltei a Paris e integrei a cena local. Tinha tanta necessidade de fazer coisas diferentes que tentei ser fiel a mim mesma, chegando mais e mais perto da visão que tenho. Talvez por causa disso, a minha música não foi entendida de imediato. Tenho consciência de que é necessário algum tempo para as pessoas a apreciarem, mas se morrer amanhã (espero que não!), terei a certeza de que fiz tudo o que fazia sentido, de que toquei música que deu direções essenciais à minha existência. É um processo em construção, sempre reajustando-se e reconsiderando o que me parece importante, de forma tão sincera quanto possível. Claro que o que

quero é tocar, mas só nos locais certos e com as pessoas certas. Adoro fazer parte de uma tribo de músicos, mas também preciso de seguir o meu próprio caminho. É da maneira que tenho mais a partilhar com os outros. Enquanto as minhas raízes forem mais fundo, mais alto posso crescer na música.

GD: Há muito tempo que deixei de tentar caber numa “caixa”. Quero estar o mais longe possível de caixas, centrando tudo no ato da audição e da criação daquilo que oiço dentro de mim. Na minha vida sempre fui alérgico a seguir fosse o que fosse. Não sou um “seguidor” e claro que a minha música tinha de refletir essa atitude.

Representantes de uma nova geração

AG: Como não tocamos no mesmo clube durante três semanas seguidas, como antigamente acontecia com os *jazzmen*, a nossa música está sempre a mudar. Muitas vezes, temos de trabalhar arduamente num repertório que só apresentaremos algumas vezes, com intervalos de seis meses ou de um ano entre cada concerto. O mundo está a mudar e a música muda com ele, nada mais. Não tenho a certeza de que adicionámos alguma coisa de novo. Apenas seguimos os mil caminhos de liberdade e pesquisa que existem, como fizeram outros artistas antes de nós.

GD: Julgo que a única verdadeira diferença trazida pelas novas gerações (na música como em qualquer aspeto da vida) é o facto de hoje ser fácil ouvir, ver e conhecer seja o que for, bastando clicar no rato do computador. Eu

ainda tive uma parte da minha vida no “antes da Internet” e tenho uma boa percepção dessa diferença. Comecei a comprar discos no início da década de 1990, ou seja, antes do frenesim da Net, mas agrada-me poder agora descobrir coisas novas com a maior das facilidades. O problema é que muitas vezes esta facilidade não nos conduz a coisas verdadeiramente especiais ou sequer de boa qualidade. Continua a ser importante que nos rodeemos de gente criativa e tentemos tudo aquilo que podemos fazer. Podemos utilizar o que os “tempos modernos” nos oferecem como uma possibilidade, não como a única via.

Atração por Portugal

GD: Adoro Portugal e a música criativa que nos tem dado. E isso desde 2003, quando fui pela primeira vez a Lisboa com João Lobo e o projeto Verdes Sons, destinado a reinterpretar a música de Carlos Paredes. Desde então que não paro de ir a Portugal sempre que posso e aí fui descobrindo músicos incríveis: Norberto Lobo, Manuel Mota, David Maranhã, Ricardo Rocha... Há algo de muito especial na cena portuguesa, talvez a maneira muito orgânica de misturar o melodismo extremo do fado com a capacidade contemplativa que os portugueses têm, de tal modo que há frequentemente um elemento de *drone* (linha contínua e hipnotizante de som) em muitos músicos. Isto já para não falar da vossa capacidade de esperar, que não podia ser mais portuguesa do que é. Além disso, acho que a música

portuguesa tem tudo a ver com a incrível luz solar e com as sombras que encontro em Portugal.

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *online jazz.pt*

Alexandra Grimal

Alexandra Grimal nasceu no Cairo, Egito, em 1980. Começou por estudar piano aos 5 anos e saxofone jazz e clássico em 1993. Obteve o Diplôme de Fin d’Études et Supérieur em saxofone clássico em 1996. Continuou a estudar saxofone jazz com diversos professores e em diversos lugares. De 2000 a 2005 completou o bacharelato e o mestrado em jazz no Conservatório Real da Haia (Holanda), depois passou pelo Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, na classe de jazz, e continua a sua aprendizagem em numerosas *masterclasses*, seminários, etc.

Foi várias vezes premiada e recebeu muitas bolsas ou apoios.

Desenvolve vários projetos como líder e é regularmente convidada a tocar como *sidewoman* na Europa e nos Estados Unidos. Viveu em Nova Iorque entre 2009 e 2011. Compõe para a sua banda Nãga, formada por Marc Ducret, Nelson Veras, Benoît Delbecq, Stéphane Galland, Jozef Dumoulin e Lynn Cassiers. Em 2010 tocou com o grupo Dragons na Ópera de Dijon e no Petit Palais em Paris, concertos que foram transmitidos pela estação de rádio France Musique. Tem feito residências em numerosos lugares de criação.

Faz parte da Orquestra Nacional de Jazz de Olivier Benoît, do decateto de Joelle Léandre Can you hear me?, do TEE Ensemble franco-alemão dirigido pelo pianista Hans Lüdemann.

Colaborou com dezenas de músicos de primeiro plano, gravou 5 álbuns como líder, sempre com formações

diferentes: *Shape* (2009), *Seminare Vento* (2010, classificado nos 15 melhores “Chocs de l’année” pela revista *Jazzmagazine*, e igualmente distinguido pela revista *Télérama*), *Owls Talk* (2012, nomeado entre os melhores discos do ano por *All About Jazz*), *Andromeda* (2012, classificado entre os 25 melhores discos do ano pela revista *Jazzmagazine/Jazzman*, “eleito” *Citizen Jazz* – revista on line de jazz e música improvisada – 2012) e *Heliopolis* (2013, “eleito” *Citizen Jazz* 2013).

Com Giovanni di Domenico gravou em 2011 *Ghibli* e em 2014 *Chergui*. Participou em cerca de 20 outros álbuns.

Alexandra Grimal trabalha em paralelo com numerosos artistas de várias disciplinas nos domínios do cinema, do vídeo, da dança contemporânea, do novo circo, da poesia e do conto e, como intérprete, da música contemporânea.

Giovanni di Domenico

Giovanni di Domenico, pianista, nasceu em Roma em 1977, período significativamente turbulento em termos sociopolíticos, de hostil polarização e ostensivo para-militarismo, amotinado confronto ideológico e sanguinários atentados, para a posteridade incluído na caracterização dos ‘Anos de Chumbo’. Nesse verão de particular acerbidade, brotou por entre a paranoia conspirativa o chamado ‘Movimento de 1977’, não-alinhado, extraparlamentar e, em certa medida, pacífico, que denunciava tendências iníquas, discriminatórias, autoritárias e repressivas no Estado italiano, reclamando igualdade de oportunidades para as minorias e um incremento nos direitos civis. Coincidente com a liberalização do mercado de produtos audiovisuais, terminado o monopólio da RAI, esse é também o tempo das rádios piratas, resultando numa libertadora fragmentação da cultura juvenil, exponencialmente representada pelo *punk*.

Pode dizer-se que Giovanni, autodidata até aos 24 anos, herdou – filosófica, política e artisticamente – o mais afirmativo e benigno dessa época, diversificando já a sua ação no quadro de uma Europa unificada, promovendo improváveis coligações, explorando as mais variadas geografias, manobrando confortavelmente em franjas estéticas, comprometendo-se com a atuação ao vivo no que esta possui de mais participativo e engajador. Mas, curiosamente, o caminho que até aí o conduziu teve origem num inesperado desvio: acompanhando sucessivas colocações de seu

pai, engenheiro civil, viveu a primeira década de vida em África – até aos 5 anos na Líbia, dos 5 aos 8 nos Camarões e, depois, até aos 10, na Argélia. O seu longínquo país natal não era tanto o palco de ações à mão armada quanto o da ópera, cujas árias, para exercitar a língua e entreter a família, aprendia com as irmãs. Essa singular condição de expatriado teve um tremendo impacto na sua formação – recorda as recitações dos *muezzin*, os sons de exóticos instrumentos nas feiras, a expressão ritualista da música nas ruas de Yaoundé ou as melodias que a sua ama camaronesa cantava. Talvez por isso se insira, hoje, tão naturalmente no coletivo Trance Mission, do marroquino Hassan El Gadiri.

Quando finalmente chega ao Conservatório – cursou piano jazz – aprofunda uma técnica enciclopedicamente (in)formada; rítmica, harmónica e timbricamente marcada por diferentes tradições não ocidentais e igualmente sensível aos *Préludes* de Debussy, às *Sequenza* de Luciano Berio, à ‘ambiideação’ ouvida nos discos de Borah Bergman para a Soul Note, à polissémica densidade de Cecil Taylor, à enodada transparência de Paul Bley e, claro está, às mais radicais manifestações procedentes dos subterrâneos da música popular, mas invariavelmente dedicada à construção de uma prática original. É uma distinção – dir-se-ia geracional – que partilha com muitos dos músicos com que se tem cruzado em anos recentes, entre os quais se destacam Nate Wooley, Chris Corsano, Arve Henriksen, Jim O’Rourke,

Alexandra Grimal, Tetuzi Akiyama, João Lobo ou Toshimaru Nakamura. Fundou a sua própria editora, a Silent Water, testemunho para uma eclética e ocasionalmente inclassificável produção. Vive em Bruxelas.

Amélia com versos de Amália

Amélia Muge



Música Sex 23 de janeiro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M6

Voz, guitarra braguesa, percussão Amélia Muge **Guitarras acústicas, elétrica e braguesa** António Pinto **Violoncelo e voz** Catarina Anacleto **Clarinetes, saxofones e flauta** Daniel Salomé **Percussão** Ivo Costa **Violino, bandolim e voz** Manuel Maio **Músicos convidados** António Quintino (contrabaixo), Carisa Marcelino (acordeão)

“Fiquei deslumbrado. Aquilo era a Amália toda inteira”... Assim descreve Vítor Pavão dos Santos o seu encontro com os versos de Amália. Assim fiquei eu também quando os li. A ideia de Manuela de Freitas para que musicasse parte destes originais ajudou-me a encontrar a forma certa para uma homenagem a Amália, ao fado e aos fadistas. Tantas canções que não teria composto se não fossem eles! Musicar versos de Amália e cantá-los a meu jeito, foi o ponto de partida. Em termos artísticos tive o privilégio de contar com o desmesurado talento e dedicação de três pessoas de exceção: José Mário Branco, com a direção musical, arranjos

e composição, ajudou a criar a paisagem sonora (variada e única) para as palavras de Amália; Michales Loukovikas, com as suas composições, abriu horizontes até ao oriente com modos musicais como o Huzzâm e o Sabâ; José Martins, com os seus arranjos em temas meus ligados a um bestiário popular e bem humorístico, ajudou a levar as palavras para um lado mais telúrico e experimental.

Algumas canções roçam o fado. Outras foram beber à tradição rural, às músicas do mundo ou à canção de texto. Outras ainda, são de todo o lado e nenhum, pontuando comicidades e afetos decorrentes do que Amália nos descreve com uma intensidade que só os grandes herdeiros de um património milenar são capazes de transmitir. Este *Amélia com versos de Amália* ao vivo encontra, na Culturgest, o seu espaço de eleição. Vai ser um encontro de encontros vários, neste palco do mundo, em Lisboa.

Amélia Muge

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiários:

Ana Pessoa

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Mariana Frazão

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt